

Boca da Mata

PMS	FMLF	GLHIN
BIBLIOTECA		
Jornal	A Tarde	
Data	17/08/98	
Caderno	Página	
1	3	
Seção		
Assunto		
Bairro		

Derrubada de terreiros na Bacia do Cobre revela história curiosa

A Empresa Baiana de Água e Saneamento (Embasa) vai destruir, nas próximas semanas, dois terreiros de candomblés na Boca da Mata, além de 223 residências familiares. Os moradores devem ser indenizados, embora nenhum deles queira deixar o local. As primeiras operações já foram realizadas, com a destruição de cerca de 10 casas. Nenhum dos proprietários foi recompensado. A atitude da Embasa, que alega querer proteger o manancial da Bacia do Cobre, está desvelando aos poucos uma história novelesca, que mistura entidades do candomblé com influência e interesse político.

Marconi de Souza

A história, que envolve o bairro da Boca da Mata, é digna dos climas dos romances do escritor Jorge Amado. Tudo começou em 1985, quando a enfermeira Marilene Castro Souza, 42 anos, ainda era uma fervorosa evangélica que frequentava diariamente a igreja adventista. A sua vida, ao lado do esposo e dos filhos, "era uma maravilha", como frisa. De repente, ocorreu-lhe o imponderável: ficou parálitica das duas pernas. Os médicos não souberam explicar, mas a verdade é que suas pernas deixaram, repentinamente, de lhe obedecer. Nessa época, Marilene morava em Periperi e seu drama chegou a ser noticiado na imprensa.

Mas, como estava na Bahia — uma terra de fé —, a enfermeira não perdeu as esperanças. Alguns meses após inúmeras consultas médicas, veio a revelação: "Numa noite bastante escura, a entidade *Obaluaê Tempo* entrou na minha vida. Fiquei curada na hora", conta. No dia seguinte, ela diz que outra entidade do candomblé visitou a sua residência. "Foi a *Erê Cristalina*. Um santo criança", narra a enfermeira. Essa santa de pequena idade teria, então, lhe passado uma mensagem: "Ela disse que eu deveria comprar um terreno na Boca da Mata". Segundo Marilene, numa noite de lua cheia, a *Erê Cristalina* a levou até o local que deveria ser adquirido.

Ela conta que as entidades do candomblé tinham uma missão, que seria a construção de casas para alojar famílias carentes. O terreno a ser comprado, com nove tarefas de área, era do ex-padre José Benício Figueroa, que foi expulso da Igreja Católica por manter relações sexuais com uma mulher. Ele morava no local com a amante. Todavia, a enfermeira conseguiu convencê-lo a vender as nove tarefas. "Meu marido se desfez de tudo que tinha e vimos morar aqui", lembra. Nos cinco primeiros anos, Marilene construiu um terreiro de candomblé e, por causa de sua aproximação cada vez maior com as entidades religiosas, acabou se separando do marido.

Desde então, segundo confirmação de testemunhas, passou a ser



Marilene Castro Souza virou "mãe-de-santo" e comprou o terreno sob inspiração de entidades do candomblé



A Embasa já começou a derrubar casas, para proteger a área da bacia

vista de vez em quando acompanhada na mata por uma gibóia. "Uma serpente enorme", dizem alguns vizinhos mais antigos, que viram várias vezes a grande cobra seguindo a já então mãe-de-santo entre as árvores. Marilene era conhecida como a "mulher da cobra". Por volta de 1990, alguns posseiros já haviam ocupado áreas próximas ao dela, mas seu grande projeto não tinha morrido.

Apoio político

"Em 1992, depois de eu passar por inúmeros gabinetes de autoridades da Bahia, o governador Antonio Carlos Magalhães aprovou a instalação da iluminação no meu terreno. A partir daí, o projeto só fez

crescer", conta. Segundo ela, ajudas políticas não faltaram para que uma grande comunidade fosse formada na Boca da Mata. Em pouco tempo, foi criada a Aldeia Social Encanto Cristalino, também conhecida como Vila Cristalina. Ao longo dos últimos oito anos, Marilene Castro conseguiu atrair 223 famílias para o local. Algumas pessoas carentes ganharam casas de graça, mas a grande maioria pagou pelo terreno e pela construção dos imóveis (cerca de 30% do salário mínimo por mês). "É uma espécie de cooperativa", conta ela, sem mencionar os políticos que a ajudaram na surdina. Apenas admite que todos estão ligados ao grupo do senador Antonio Carlos Magalhães.

Moradores sob clima de tensão

A despeito de contar com o apoio do poder político baiano, Marilene Castro e as 223 famílias estão em pânico desde maio passado, quando funcionários da Embasa passaram a frequentar o local e a derrubar as casas. Várias residências já foram demolidas. Dois grandes terreiros de candomblés estão entre os prédios marcados para sucumbir. "Já sabemos que têm dois políticos interessados por essa área. Eles vão construir grandes loteamentos", denuncia Marilene Castro, sem revelar os nomes. A área fica às margens da Estrada da Base Naval.

A direção da Embasa afirma que a operação visa proteger os mananciais da cabeceira do Rio do Cobre. Nenhum dos moradores que tiveram suas residências destruídas recebeu qualquer indenização. Os diretores da Embasa têm prometido a eles que vai indenizá-los, mas o problema é que ninguém quer deixar o local "por dinheiro nenhum", como frisam. A própria Marilene Castro está numa enrascada. Seus vizinhos a acusam de ter vendido um terreno público, embora com carimbo dos cartórios. Ela se esquivava: "Eu comprei o terreno na mão do ex-padre, que, por sua vez, invadiu essa terra há 25 anos. Não sabia".

Nos últimos três meses, Marilene correu os cartórios de Salvador para desenrolar a história e descobriu que a área é da família Almaque, mas com contratos subordinados à Embasa, Marinha e Derba. Os atuais moradores não são invasores, pois compraram as casas na mão de Marilene Castro, e, além do mais, a área possui ruas e boa iluminação. O clima no local é tenso. A todo momento eles esperam um novo ataque dos prepostos da Embasa. Qualquer veículo que chega é cercado pelos moradores. Ontem, a equipe de A TARDE foi detida e ameaçada de linchamento. "Espero que as entidades me salvem dessa", roga Marilene Castro, que diz estar "entre a cruz e a espada".

Fotos: Valdir Argollo